

UM PROJETO DE CULTURA E A CONSTRUÇÃO DE UMA ELITE INTELLECTUAL: A REVISTA ARGENTINA *PUNTO DE VISTA* (1978-2008)¹

Raphael Nunes Nicoletti Sebrian²

Resumo: este estudo é parte de uma investigação na qual é interpretada, entre os anos de 1978 e 2008 e a partir das referências da História Intelectual, a revista argentina **Punto de Vista** e, mais especificamente, o projeto de cultura do periódico, em que se articulam explicações sobre a política, a história e a sociedade da Argentina. Pretende-se evidenciar, neste artigo, de que maneira o grupo de intelectuais que dirigiu **Punto de Vista** trabalhou pela cultura entendida como uma alternativa em uma sociedade degradada, como um projeto que evitasse a estagnação da cultura artística e de certos comportamentos e que, sobretudo, levasse à transformação política da Argentina. Intenta-se, enfim, demonstrar como tais intelectuais se tornaram, ao longo de três décadas, uma elite cultural e intelectual que pode ser considerada, outrossim, uma força politicamente relevante, que pautou debates e transformou a sociedade argentina.

Palavras-chave: revistas culturais; Argentina; História Intelectual; **Punto de Vista**.

Abstract: this study is part of investigation about the review **Punto de Vista**, published in Argentina between 1978 and 2008, inspired by the Intellectual History. The review developed a cultural project and so explained the politics, the history and society in Argentina. It intends to demonstrate how **Punto de Vista** intellectuals have become, over three decades, a cultural and intellectual elite who can be considered an equally politically relevant force that guided discussions and transformed the Argentine society.

Key words: cultural reviews; Argentina; Intellectual History; **Punto de Vista**.

Em abril de 2008, quando **Punto de Vista** completava trinta anos de existência, veio a público o número 90 da revista. Nas primeiras páginas do volume de quase cinquenta páginas, lia-se o texto “Final”, escrito por Beatriz Sarlo. O título era prenúncio do que se tratava: anunciava-se o encerramento oficial das atividades daquela que, sem dúvida, foi uma das revistas latinoamericanas mais importantes da segunda metade do século XX. Sarlo disse que era preciso terminar, pois não havia mais, ou, pelo menos, debilitava-se gradativamente o que ela chamou de “desejo de revista”, tendendo o periódico, então, à inércia. Findava uma revista, mas, também, uma experiência intelectual coletiva de três décadas, inquieta, irritante, nervosa, para usar expressões de Sarlo no mencionado texto.

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada no X Encontro Internacional da ANPHLAC, realizado na FFLCH-USP, em julho de 2012. Apoio: FAPEMIG.

² Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de História da América na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).

Punto de Vista, enquanto circulou, progressivamente construiu um projeto de cultura e garantiu aos intelectuais que a ela se vincularam um lugar social ao qual se poderia atribuir a condição de elite. Esses intelectuais, como afirmou Sarlo em “Final”, desenvolveram, acima de tudo, uma maneira de escrever sobre literatura e política, entre outros temas. E por este e por outros motivos, vale à pena refletir acerca do projeto que esta “força coletiva” construiu; meditar a respeito das representações de si elaboradas pelo grupo que dirigiu a revista, discursos verificáveis, principalmente, em editoriais e em entrevistas e que se mantêm em tensão com outros textos – entre eles, muitos publicados na revista – e com outros discursos na Argentina.

Este artigo integra uma investigação na qual é interpretada, entre os anos de 1978 e 2008 e a partir das referências da História Intelectual, a revista argentina **Punto de Vista** e, mais especificamente, o projeto de cultura do periódico, em que se articulam explicações sobre a política, a história e a sociedade da Argentina. Pretende-se evidenciar, neste texto – a partir de editoriais e entrevistas –, como o grupo de intelectuais que dirigiu **Punto de Vista** trabalhou pela cultura entendida como uma alternativa em uma sociedade degradada, como um projeto que evitasse a estagnação da cultura artística e de certos comportamentos e que, sobretudo, levasse à transformação política da Argentina. Intenta-se, enfim, expor elementos que permitam compreender de que maneira tais intelectuais se tornaram, ao longo de três décadas, uma elite cultural e intelectual que pode ser considerada, outrossim, uma força politicamente relevante que pautou debates e transformou a sociedade argentina.

Pressupõe-se que os intelectuais, atores, autores e intérpretes da política e da cultura, críticos permanentes do *status quo*, utilizam a imprensa para difundir suas idéias, tornando-se os periódicos espaços privilegiados de debate intelectual em diferentes épocas. As investigações históricas nas quais se busca interpretar as dimensões culturais e políticas em/de revistas são cada vez mais comuns e têm sido elaboradas, muitas vezes, a partir dos pressupostos da História Intelectual, área que se caracteriza pela pluralidade e por “correntes interpretativas” nem sempre facilmente identificáveis. É o caso desta pesquisa, especificamente, na qual procura-se pautar a análise das fontes e intenta-se construir o percurso investigativo em um diálogo com as referências da História Intelectual tal como a praticam os

historiadores franceses, mas sem perder de vista as contribuições de pesquisadores britânicos (como Raymond Williams, por exemplo) e mesmo as formulações de latino-americanos e brasileiros.

Desde o início da investigação, uma das principais preocupações tem sido pensar as imbricações entre cultura e política, sobretudo a partir de uma revista que teve como subtítulo, do primeiro ao último número, “Revista de cultura”. É indispensável refletir acerca de tal opção, o que ela significava enquanto indicativo de um projeto gestado por três décadas em torno de uma publicação. A partir das contribuições do livro *A ideia de cultura*, de Terry Eagleton, construiu-se uma perspectiva que permite pensar a cultura como estritamente vinculada ao político, bem como ao social e ao econômico. Afinal, **Punto de Vista** foi uma “Revista de cultura” que delineou, desde o início, um projeto claramente político, na medida em que se constituiu, conforme afirmou Oscar Terán a partir das proposições verificáveis nos primeiros editoriais da publicação, como uma tendência de resistência cultural e política em uma época de desmandos e horror, capaz de mostrar que a produção intelectual argentina não havia sido extinta pelo regime. (TERÁN, 2004, p. 88)

É necessário considerar que o grupo diretor de **Punto de Vista** pretendeu, ao longo de toda a existência da revista – com mais ênfase nas décadas de 1970, 1980 e 1990 –, construir/propor uma nova cultura argentina, parte da nova Argentina democrática que se deveria buscar (durante o *Proceso*, a ditadura vigente entre 1976 e 1983) e daquela que se deveria efetivar (a partir de 1983). Torna-se premente problematizar, a partir das proposições de Eagleton, que não se trata, somente, de entender a interpretação, pelo periódico, da sociedade em que se desenvolveu, mas, ademais, de refletir a respeito da atitude eminentemente política de transformá-la que se configurou a partir do projeto de **Punto de Vista**.

Também é possível afirmar que tal projeto de interpretação e de transformação da sociedade argentina a partir da cultura – entendida como Eagleton propõe, enquanto dotada de caráter eminentemente político –, possui, em **Punto de Vista**, uma dimensão utópica e crítica. Disse Eagleton (2011, p. 37): “[...] o tipo mais utópico de cultura pode, assim, tornar-se uma forma de crítica imanente, julgando deficiente o presente ao medi-lo com relação a normas que ele próprio gerou.” E prossegue, em outro momento: “[...] a cultura pode agir como uma crítica do

presente ao mesmo tempo que está solidamente baseada dentro dele. [...] A cultura não é alguma vaga fantasia de satisfação, mas um conjunto de potenciais produzidos pela história e que trabalham subversivamente dentro dela.” (EAGLETON, 2011, p. 38-39) A este respeito, cabe uma menção ao primeiro editorial de **Punto de Vista**, publicado na edição de julho-outubro de 1981:

En marzo de 1978, apareció el primer número de Punto de Vista. **Su publicación venía, de algún modo a ejercer un derecho: abrir un ámbito de debate de ideas y elaboración cultural. El derecho a disentir nos parecía, entonces y ahora, una condición básica de la cultura, amenazada material y políticamente.**

Reflexionar sobre la historia cultural argentina o latinoamericana, sobre los métodos críticos o las teorías sociales supone un punto de partida: la defensa de la libre discusión y la creación de un lugar – la revista – que permitiera generalizarla. Comprobamos que no existen condiciones aceptables de producción intelectual donde no puedan circular las ideas, que la censura ejercida sobre la producción cultural, la represión de la diversidad, la intimidación del antagonista, son instrumentos del conformismo correlativo a un estado autoritario. [...] **Esta revista es parte de un espacio cultural que se construye a pesar de la censura y el castigo a las ideas, pero que se construye también positivamente.** [...] Se trata de nuestra responsabilidad en la defensa de la libertad de expresión y de pensamiento: que no haya en la Argentina culturas reprimidas o negadas. Y su consecuencia práctica, la creación de un ámbito donde algo de esto sea posible.

Encerrada en los límites de la amenazada producción material, la ciega torpeza del censor, el oscurantismo ultramontano de la universidad estatal, la cultura argentina, para construirse, debe hacerlo en la superación de estos obstáculos: contra la censura, por la diferencia de opiniones y la controversia. Frente a la crisis económica que afecta a las instituciones culturales y las editoriales, y frente a la clausura política, los intelectuales hemos imaginado, en estos años, formas y espacios nuevos para la discusión y circulación de ideas, posiciones, perspectivas. *Punto de Vista* entiende que su actividad hasta ahora, y en el período que sigue, pertenece a este horizonte. Ha constituido un Consejo de Dirección para que la fuerza de una práctica diversa y colectiva le permita responder mejor a los requerimientos de esta etapa [...]. (Consejo de Dirección, “Punto de Vista”. *Punto de Vista*, Buenos Aires, año IV, n. 12, jul./out. 1981, p. 2, editorial por ocasião da constituição do Conselho de Direção da revista, grifos nossos)

Nesse sentido, na esteira das sugestões de Terry Eagleton e de Bronislaw Baczko (expressas em seus conhecidos verbetes “Imaginação social” e “Utopia”, publicados na *Enciclopédia Einaudi*), percebe-se a dimensão utópica e crítica do projeto de **Punto de Vista**, com seu caráter de interpretação/transformação do passado, do presente e do futuro da Argentina. Além disso, compreende-se que o

estudo do projeto de cultura da revista, intrinsecamente político, permite ter acesso aos projetos culturais e políticos formulados pelos intelectuais vinculados ao periódico e materializados nas páginas da revista, mas, além disso, aos projetos culturais e políticos em relação aos quais eles se posicionaram criticamente, ou seja, é possível, em alguma medida, compreender elementos dos diversos imaginários sociais argentinos de diferentes épocas, com destaque para os anos de circulação da revista. Afinal, como mostra Baczko, miticamente, utopicamente ou de outras maneiras, as sociedades imaginam as outras e a si mesmas, e o estudo dessas formulações é muito significativo para o historiador.

Na medida em que se percebeu, na análise dos números de **Punto de Vista**, a configuração de um projeto voltado a pautar os debates a respeito de certas temáticas na Argentina, bem como de interpretar a sociedade argentina em seus aspectos culturais, políticos e históricos, surgiu o questionamento acerca da conformação do grupo diretor do periódico como uma elite cultural e intelectual. Nesse sentido, o ensaio de Jean-François Sirinelli, “As elites culturais”, publicado na clássica antologia *Para uma história cultural*, tornou possível não somente estabelecer a questão da estruturação gradativa do grupo diretor de **Punto de Vista**, ao longo de trinta anos, como uma elite cultural e intelectual dedicada à produção de uma revista que foi, essencialmente (conforme as leituras que os próprios idealizadores da revista fazem questão de produzir e/ou endossar), uma revista de intelectuais feita, basicamente, para ser lida por “pares”, como, principalmente, lançou luzes a certa proposição de Beatriz Sarlo, em entrevista concedida a Silvina Frieria, em 2004:

–¿Qué espacio ocupa hoy **Punto de Vista**?

–**Es una revista de elite y minoritaria**, y yo reivindico ese lugar porque una revista con el discurso de *Punto de Vista* no puede ser otra cosa que una revista de 2 mil lectores. No nos dirigimos al conjunto del público interesado en temas culturales, intelectuales o políticos sino a la parte más activa de ese campo. **Es una revista de intelectuales para intelectuales**, como lo han sido muchas de las grandes revistas en el mundo. Sería ciego o en un punto, por lo menos, antigramsciano decir que esto es un falso elitismo. **Las elites intelectuales son las partes más activas de un campo cultural y son las que están más dispuestas a hacer experiencias de pensamiento y de difusión.** *Punto de Vista* no puede circular más allá de esos lectores, el problema sería que circulara para menos de esos 2 mil lectores. Esto no implica una situación de jerarquía

aristocratizante. Cuando intervengo en la prensa, lo hago con otro tipo de discurso. Me es absolutamente indispensable tener un lugar en donde los artículos sean de 40 mil caracteres y si tienen que ser de 50 mil o más, que lo sean. **Una revista es un banco de pruebas: uno prueba hipótesis e ideas, y también escrituras.** (SARLO, 2004, negritos nossos)

Em sentido semelhante às afirmações de Sarlo acerca das revistas e da posição específica de **Punto de Vista**, Jean-François Sirinelli, em seu estudo intitulado “Os intelectuais”, publicado na conhecida antologia *Por uma história política*, organizada por René Rémond, mostra que, no âmbito da História Intelectual, as revistas são objetos privilegiados de análise: “Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão.” (SIRINELLI, 2003, p. 249) Mas, em qual medida as afirmações de Sarlo, na entrevista concedida a Frieria, e de Sirinelli, em “Os intelectuais”, se vinculam ao que disse o mesmo Sirinelli em “As elites culturais”? A leitura dos textos de Sirinelli, especialmente de “As elites culturais”, mediada pelas idéias de Eagleton e Baczko, evidencia a validade da hipótese acima mencionada, que tem conduzido um dos eixos da investigação, a partir da qual se reflete a respeito da conformação de um projeto voltado a pautar os debates a respeito de certas temáticas na Argentina, bem como de interpretar a sociedade argentina em seus aspectos culturais, políticos e históricos. Nunca é demais lembrar que a posição de destaque dos intelectuais de **Punto de Vista** na sociedade argentina entre 1978 e 2008, ocupando posições nas universidades, em editoras, por exemplo, garantiu condições muito propícias à formulação de leituras da história cultural e intelectual latinoamericana.

Em sua trajetória, **Punto de Vista** elaborou e praticou uma abertura e difusão do campo cultural ao resenhar publicações argentinas e estrangeiras, discutir exposições de arte ou filmes de outros países, entrevistar intelectuais que residiam em outros países, publicar textos inéditos de escritores argentinos e inclusive dialogar com revistas importantes de outros países, como **Vuelta**, dirigida no México por Octavio Paz. Além disso, e esse é um fato muito significativo, a revista apresentou e incorporou perspectivas teóricas e temáticas até aquele momento (sobretudo nos anos 1970 e 1980) pouco conhecidas na Argentina que se constituíram em linhas de atualização e reformulação do campo cultural do país.

Como disse Carlos Altamirano, em entrevista concedida ao autor deste texto:

Creo que **Punto de Vista** aclimató e hizo un uso productivo de la sociología cultural de Pierre Bourdieu y de los planteos de Raymond Williams. Aparte de estos autores, fueron importantes Michel Foucault, en los trabajos de Vezzetti, y los argentinos Tulio Halperin Donghi y David Viñas, los uruguayos Carlos Real de Azúa y Angel Rama. Al menos Beatriz Sarlo y yo, admirábamos también el libro de Antonio Candido, **Literatura y sociedad**. (ALTAMIRANO, Carlos. Re: Entrevista – Pesquisa. [mensagem pessoal]. Entrevista concedida a Raphael Nunes Nicoletti Sebrian. Mensagem recebida por <rsebrian@yahoo.com.br>. 03 nov. 2008)

Tratava-se, enfim, como debateram Sarlo, Altamirano, Vezzetti, Sábato e Adrián Gorelik em entrevista a Daniel Link, de discutir o problema da autonomia da cultura e de encontrar referências que permitissem analisar a cultura como universo autônomo – daí o peso de autores como Bourdieu e Williams –, sem perder de vista as questões políticas.

Há, notadamente, um esforço, expresso inclusive na entrevista acima mencionada de Beatriz Sarlo – que atuou, sabidamente, como líder e porta-voz do grupo de 1978 e 2008 –, em definir o projeto de **Punto de Vista** como o projeto de uma elite cultural e intelectual. O que se torna mais intrigante, na esteira das indicações de Sirinelli, é o que ele chama de “[...] certa capacidade de ressonância e de amplificação, [...] de um poder de influência.” (SIRINELLI, 1998, p. 261) O próprio Sirinelli mostra o quão difícil é investigar tal questão, mas uma pista para a compreensão desta questão é dada por ele, quando afirma: “[...] as elites também se definem não só pelo seu poder e pela sua influência intrínsecas, como também pela própria imagem, que o espelho social reflecte.” (SIRINELLI, 1998, p. 262)

É indispensável, pois, interpretar as imagens e representações que o grupo de intelectuais que dirigiu **Punto de Vista** produziu sobre si – no periódico e em entrevistas – e, também, analisar a imagem e representações que o periódico veiculou por meio de sua materialização e conteúdo, pois, nesse caso, tais expressões extrapolam as intenções dos intelectuais e podem levar a apreensões diversificadas do projeto da revista, por mais que haja controle sobre quem publica e o que se publica na revista. Nesse aspecto, reforça Sirinelli (1998, p. 275): “[...] as elites culturais se definem, como noutros meios, pela sua própria imagem, que reflecte a sociedade que as rodeia.” Há algumas manifestações do Conselho de Direção bastante expressivas, no que diz respeito a esta questão:

Punto de vista ha buscado ser, con los medios a su alcance y desde su aparición en marzo de 1978, un vehículo de la disidencia intelectual contra el régimen instalado tras el derrocamiento del gobierno peronista. Nuestra revista no estuvo sola en esa actividad. Otras publicaciones, otras iniciativas, alguna editorial, fueron ejemplares para resistir la peor ofensiva contra todo lo que hubiera de valioso en la cultura argentina. Nada resultó tan estimulante como comprobar, en esos años sombríos, la formación de un campo de solidaridad e interlocución con quienes, en muchos casos, únicamente tomaríamos contacto a través de lo que esa resistencia producía aquí y allá, dispersa pero obstinada. Las alternativas políticas que se avocan traerán la discusión y la controversia dentro de ese campo; ellas son necesarias y sólo una visión beata de la democracia puede temerlas. Sin embargo, sería olvidar la experiencia de esta década (porque en nuestra memoria debe estar presente toda la década), si cada posición intelectual se convierte en una máquina de guerra intolerante, dispuesta a que suenen nada más que sus argumentos y a demonizar toda diferencia. El terrorismo ideológico no tiene causas buenas y suele preceder o acompañar al otro terrorismo, cuya perversa dialéctica hemos conocido.

*Las reconstrucciones de la cultura argentina, de sus instituciones y de sus redes, de todo aquello que ha sido degradado material e ideológicamente, constituirá un desafío para los intelectuales. Porque esa reconstrucción exigirá debate y espíritu crítico, pero también nuevas ideas. Y los intelectuales no deben participar en ella con mentalidad de preceptores o de profetas, sino como ciudadanos. Estas son las apuestas de **Punto de vista**. (Consejo de Dirección, "Editorial". *Punto de Vista*, Buenos Aires, año VI, n. 17, abril 1983, p. 3, destaques [itálicos] nossos)*

Construindo pouco a pouco o perfil de intelectual com o qual a revista queria se identificar e, simultaneamente, problematizando a posição social dos intelectuais como cidadãos diante de um projeto a ser desenvolvido na Argentina a partir de fins da ditadura, **Punto de Vista** se insere no grupo daqueles que, mesmo sem se comportarem como "preceptores ou profetas", podem reconstruir não apenas a cultura argentina, mas, também, os espaços de debate e construção política. Sirinelli ainda reafirma a importância de estar atento às imbricações entre cultura e política nos projetos e ações das elites culturais:

Por um lado, as elites culturais, mesmo quando seja legítimo isolá-las para efeitos de análise, não existem como entidades autônomas, em posição de extraterritorialidade. Estão, pelo contrário, ligadas à sociedade que as rodeia e são precisamente esses laços, especialmente políticos, que lhes conferem uma identidade. (SIRINELLI, 1998, p. 264)

Na revista em pauta, essa imbricação é perceptível desde a sua estruturação

e proposta editorial, e há momentos em que o Conselho de Direção reafirma sua posição, como elite cultural e intelectual, acerca dessas questões:

[...] el campo cultural-ideológico necesitará de instrumentos independientes que puedan convertirse en espacios de discusión de alternativas y que, sobre todo, subsistan fuera de las dos grandes áreas de influencia que configuran el peronismo y el radicalismo. **La cuestión de la cultura no será una cuestión menor si se considera que por sus debates y sus temas han pasado muchos de los nudos ideológicos e históricos significativos de la Argentina de este siglo. Y a los intelectuales de izquierda cabe la responsabilidad no sólo de la defensa de un espacio sino de los principios y valores que pueden fundar una sociedad democrática y más justa de lo que hoy dejan prever los proyectos en curso.** (Consejo de Dirección, “Editorial”. *Punto de Vista*, Buenos Aires, ano XII, n. 34, julio 1989, p. 1, grifos nossos)

Enfim, as interpenetrações entre as dimensões cultural e política podem ser estudadas a partir das revistas e das “afinidades eletivas”, como diria Raymond Williams, que se estabelecem em torno dos projetos que elas representam e que materializam em suas páginas. Mesmo que, como assevera Sirinelli (1998, p. 265), os intelectuais falem, prioritariamente, com os outros intelectuais, de mesma opinião ou de opinião contrária – e aqui cabe recuperar novamente a entrevista de Sarlo a Frieria, “Es una revista de intelectuales para intelectuales” –, não se pode aceitar completamente as interpretações dos produtores e mentores do periódico, na medida em que, conforme indica precisa e acertadamente Sirinelli:

[...] muitas vezes, entre a esfera intelectual e o mundo que a rodeia existe uma forte osmose, nos dois sentidos: as elites culturais tomam a cor dos debates cívicos, mas também contribuem para lhes dar os seus tons.

O meio intelectual não é um simples camaleão que toma espontaneamente as cores ideológicas do seu tempo. Concorre, pelo contrário, para colorir o seu ambiente. Os letrados raciocinam de maneira endógena, mas o ruído dos seus pensamentos ressoa no exterior. É afinal o que dá a sua especificidade à «alta *intelligentsia*»: dela participam os que possuem, a um ou outro título [mediadores ou criadores, para Sirinelli], poder de ressonância. (SIRINELLI, 1998, p. 265)

Estar atento ao “ruído” provocado por **Punto de Vista** na sociedade argentina, a partir das formulações de Sirinelli em “As elites culturais”, revela-se fundamental. Torna-se possível enxergar algo mais na afirmação de Sarlo em “Final”, texto de abertura do derradeiro número de **Punto de Vista** (n. 90, de 2008),

de que havia se surpreendido quando encontrou, no jornal argentino *Clarín*, no início da década de 1980, o conceito de “campo intelectual”, da obra de Bourdieu, veiculado até aquela circunstância apenas em **Punto de Vista**. Talvez não seja possível ou factível mapear efetivamente tal “ruído” da revista na sociedade argentina neste momento, mas isso é indispensável. De qualquer forma, a interpretação que prevalece, na sociedade argentina, sobre a importância e as características de **Punto de Vista** em suas três décadas de existência é, em grande medida, aquela construída pelos intelectuais que dirigiram o periódico. A investigação da qual este artigo faz parte pretende, ao menos, oferecer uma leitura alternativa, minimamente situando o periódico em relação às suas representações de si, aos grupos e aos debates da Argentina no período de existência da revista.

Sugerindo que o historiador esteja atento à transformação de microclimas intelectuais em “zonas de alta pressão intelectual”, Sirinelli retoma a questão da autogestão e do auto-estabelecimento das elites culturais e intelectuais, muito importante no caso de **Punto de Vista**. Para ele: “[...] as elites culturais, pelo menos em parte, autodefinem-se e autoproclamam-se precisamente porque o seu estatuto induz um poder de ressonância e de amplificação.” (SIRINELLI, 1998, p. 276) Rastrear o uso plenamente consciente de tal “poder de ressonância e de amplificação” visando a constituição de uma “zona de alta pressão intelectual” em torno de **Punto de Vista** deve passar não apenas pela investigação das “afinidades eletivas”, mas, sobretudo, pelo estudo minucioso e detalhado das interpretações sobre a cultura, a política e a história da Argentina publicadas nas páginas da revista, interpretações que possuem, elas mesmas, o poder de ressonância e de amplificação mencionados, bem como um não totalmente mensurável poder de transformação social, cultural e política. Vale a pena recorrer, aqui, a um texto de Beatriz Sarlo, produzido por ocasião de um debate a respeito dos vinte e cinco anos da revista:

Una revista se conjuga en tiempo presente. A diferencia de un libro que la ambición de los autores piensa como algo destinado a la permanencia, aunque se la alcance pocas veces, una revista sólo tiene sentido si está conectada con aquello que le es estrictamente contemporáneo. Un libro puede pasar ignorado y revivir después de bastante tiempo. Una revista no puede darse esos lujos de posteridad.

Sólo si está conectada con el presente tendrá alguna oportunidad de seguir significando algo en el futuro. Esto proviene de otro rasgo de

una revista como la nuestra: su carácter de banco de prueba de ideas e hipótesis. Se escribe en una revista cuando las ideas recién están formándose, cuando se trata de ensayar, en todos los sentidos de esta palabra, una interpretación. Una revista es siempre, de algún modo, experimental.

Estos dos rasgos (el vínculo con el presente y el carácter exploratorio, experimental) diferencian a una revista de intelectuales no sólo de los libros que estos mismos intelectuales escriben sino de las revistas académicas. La revista de intelectuales tiende a ser más ensayística, tiende a mantener con sus objetos una relación más abierta a la innovación y, por supuesto, más abierta a la crítica. (SARLO, Beatriz. Una revista en presente. *BazarAmericano.com*, Buenos Aires, 2004. Disponible em: <<http://www.bazaramericano.com/revista/sarlo.htm>>. Acesso em: 16 ago. 2007.)

Percebe-se, no trecho acima, a repetição de argumentos, por parte de Sarlo, a respeito das formas de ler as revistas, argumentos que garantem, outrossim, destaque a **Punto de Vista**. Não é possível para o pesquisador, contudo, alerta Sirinelli, atuar como “caixa de ressonância de uma memória”: a admoestação é muito importante em um estudo a respeito de intelectuais que se transformaram e que ainda ocupam a posição de elites culturais em seu país. Interpretá-los e interpretar suas idéias sem apenas “ressoá-las” não é tarefa simples: é preciso estar atento às organizações de memória efetuadas, no presente, pelos membros da revista, quer seja sobre suas trajetórias individuais, quer seja sobre sua participação na revista e sobre a própria memória do periódico. Outro trecho de um editorial de **Punto de Vista** colabora para a reflexão nesse sentido:

Esta revista apareció en marzo de 1978. Se cumplen, entonces, veinte años. Como resultado feliz de la simple multiplicación, alcanzamos también el número 60. Para nosotros se trata de una circunstancia especial. Sin repetir extensamente lo que hemos dicho ya algunas veces en esta misma página, **Punto de Vista apareció bajo la dictadura, sobrevivió en el margen y recorrió varias etapas de discusión política y cultural, tratanto de pensar lo que definimos como nuestro campo: los problemas de la cultura, el arte, las ideas y la historia. Para quienes hacemos esta revista, ella es el espacio más importante de nuestra experiencia intelectual.** Lo decimos con la sencillez de un reconocimiento de hecho. (Consejo de Dirección, “Veinte años/Cuarenta años” [Editorial]. *Punto de Vista*, Buenos Aires, ano XXI, n. 60, abril 1998, p. 1, grifos nossos)

Prosseguindo neste percurso de leituras, debates e questionamentos que permitam a problematização do projeto de cultura e do esforço de autogestão e

auto-estabelecimento do grupo de **Punto de Vista** como uma elite cultural e intelectual, não se pode esquecer a “Introducción general” de Carlos Altamirano, um dos principais intelectuais de **Punto de Vista**, que abre o primeiro volume da *Historia de los intelectuales en América Latina*, coleção que Altamirano dirigiu, publicada em dois volumes. O ensaio introdutório de Altamirano, pesquisador dos mais relacionados à elaboração de pesquisas em História Intelectual na Argentina atual, tendo fundado uma revista voltada a esta área, *Prismas*, se inicia com a seguinte passagem:

Las élites culturales han sido actores importantes de la historia de América Latina. Procediendo como bisagras entre los centros que obraban como metrópolis culturales y las condiciones y tradiciones locales, ellas desempeñaron un papel decisivo no sólo en el dominio de las ideas, del arte o de la literatura del subcontinente, es decir, en las actividades y las producciones reconocidas como culturales, sino también en el dominio de la historia política. (ALTAMIRANO, 2008, p. 9)

Na passagem acima transcrita de Altamirano ele afirma, como se lê, que as elites ditas culturais estiveram envolvidas não apenas na produção, divulgação e circulação de idéias e das obras de arte, mas também atuaram em movimentos de circulação e transformação de tradições (intelectuais, históricas, de memórias), ou seja, que não foram apenas criadoras e mediadoras culturais, para usar os termos de Sirinelli, mas que desempenharam papel decisivo também no domínio da história política da América Latina. Se, como diz Altamirano nas linhas a seguir de seu texto, as elites culturais colocaram, em certas circunstâncias, suas “competências a serviço dos combates políticos”, a leitura sobre **Punto de Vista** que aqui se propõe é viável e possível. Afinal, diz Altamirano (2008, p. 14-15):

Los intelectuales son personas, por lo general conectadas entre sí en instituciones, círculos, revistas, movimientos, que tienen su arena en el campo de la cultura. Como otras élites culturales, su ocupación distintiva es producir y transmitir mensajes relativos a lo verdadero (si se prefiere: a lo que ellos creen verdadero), se trate de los valores centrales de la sociedad o del significado de su historia, de la legitimidad o la injusticia del orden político, del mundo natural o de la realidad trascendente, del sentido o del absurdo de la existencia. [...] Los intelectuales se dirigen unos a otros, a veces en la forma del debate, pero el destinatario no es siempre endógeno: también suelen buscar que sus enunciados resuenen más allá del ámbito de la vida intelectual, en la arena política.

Tudo, em princípio, concentra-se novamente nas indicações de Terry

Eagleton, que assevera:

Como ideia, a cultura começa a ser importante em quatro pontos de crise histórica: quando se torna a única alternativa aparente a uma sociedade degradada; quando parece que, sem uma mudança social profunda, a cultura no sentido das artes e do bem viver não será mais nem mesmo possível; quando fornece os termos nos quais um grupo ou povo busca sua emancipação política; e quando uma potência imperialista é forçada a chegar a um acordo com o modo de vida daqueles que subjuga. [...] **A cultura, em outras palavras, chega intelectualmente a uma posição de destaque quando passa a ser uma força politicamente relevante.** (EAGLETON, 2011, p. 41-42, grifos nossos)

Como é possível perceber e indicar, os três primeiros pontos de crise histórica assinalados por Eagleton são verificáveis na sociedade argentina desde os anos 1970, persistindo, alguns deles, nos anos 1980, nos anos 1990 e nos anos 2000. Nessas conjunturas, o grupo de **Punto de Vista** trabalhou por um projeto de cultura que se tornasse uma alternativa em uma sociedade degradada, que evitasse a estagnação da cultura artística e de certos comportamentos e que, sobretudo, levasse à transformação política da Argentina, tornando-se, ao longo de três décadas, em uma elite cultural e intelectual que pode ser considerada, também, uma força politicamente relevante. Aliás, tratando, uma vez mais, da relevância do periódico na sociedade argentina, o Conselho de Direção se manifestou, no número 79, de 2004, momento em que se alterou drasticamente a composição do núcleo diretor da revista, com a saída de Carlos Altamirano, María Teresa Gramuglio e Hilda Sabato:

Las revistas culturales independientes, ocupantes de ese espacio de bordes indefinidos en el que se inscribió desde el principio *Punto de Vista*, necesitan una conjunción de cualidades y vínculos que funcionan de modo casi milagroso. Que una revista se publique durante más de veinticinco años es difícil y raro porque el choque de los conflictos y los temperamentos tiende a la división más que a la persistencia de una unidad tan indispensable como frágil. Las revistas que viven largo tiempo pertenecen más a las instituciones que a sus miembros. Pero una revista cultural como *Punto de Vista*, lejana de las instituciones e independiente en ideas y en su sostenimiento, solo es posible por la acción de los intelectuales que la consideran necesaria.

Revistas como *Punto de Vista* viven siempre en un equilibrio difícil. Necesitan de la diferenciación interna para no convertirse en emisoras de un pensamiento repetido a varias voces; pero, al mismo tiempo, deben armar la escena donde las diferencias dialoguen sin excluirse. Las diferencias son la vida de una revista. Durante años,

en *Punto de Vista* el conflicto fue moderado por la franqueza intelectual y la movilidad entre posiciones distintas. **En una revista conviven ideas sobre cómo intervenir y sobre qué intervenir, sobre quiénes son los interlocutores y qué es necesario escribir, sobre el modo en que se piensa la coyuntura, política o estética, y sobre el estilo de su intervención en ella.**

[...] **La revista es lo que quienes la hacen quieren que sea, en la medida en que tengan la fuerza de traducirlo en propuestas y escritos.** (“Un nuevo colectivo intelectual”. *Punto de Vista*, Buenos Aires, año XXVII, n. 79, agosto 2004, p. 1, grifos nossos)

Estão expressas, no trecho acima transcrito, algumas das mais importantes convicções dos intelectuais que dirigiram o projeto de **Punto de Vista** entre 1978 e 2004, afinal, a partir de então deixa de existir o Conselho de Direção e Sarlo assume a função de diretora, tendo Adrián Gorelik como seu subdiretor. Nele é possível encontrar afirmações a respeito do papel de intervenção das revistas nas conjunturas culturais/estéticas e políticas, de como elas definem seus interlocutores, bem como quais são os critérios utilizados para definir quais as questões a serem discutidas e os temas a serem tratados. Uma revista, diz-se, “é o que aqueles que a fazem querem que seja, na medida em que tenham a força de traduzi-lo em propostas e escritos.” Nota-se aqui, visivelmente, outro momento em que se evidencia o esforço de consolidar certa perspectiva de ler as revistas.

Nesse sentido, ressalte-se, não se pretendeu, neste artigo, discutir profundamente os escritos dos intelectuais que conduziram o projeto de **Punto de Vista**, mas, apenas, mostrar algumas de suas propostas e das representações que eles construíram sobre si e sobre o periódico. Intentou-se demonstrar, enfim, que a investigação a respeito da revista argentina **Punto de Vista** tem sido elaborada em uma perspectiva de trabalho na qual a cultura, tomada como objeto de estudo, possibilita a reflexão sobre as instâncias de poder e sobre como as utopias e os imaginários sociais podem ser melhor compreendidos em épocas de autoritarismo e de construção, desenvolvimento e manutenção de projetos de democracia. Estudar o projeto de cultura de **Punto de Vista**, no qual se articulam explicações sobre a política, a história e a sociedade da Argentina, é se interrogar, necessariamente, sobre as utopias, sobre os imaginários sociais e sobre a formação de intelectuais e sua posterior configuração como elites culturais, que pautam os debates e transformam as sociedades.

FONTES

ALTAMIRANO, Carlos. Re: Entrevista – Pesquisa. [mensagem pessoal]. Entrevista concedida a Raphael Nunes Nicoletti Sebrian. Mensagem recebida por <rsebrian@yahoo.com.br>. 03 nov. 2008.

LINK, Daniel. Campo intelectual. Disponível em: <<http://www.periodismo.com/modules/mylinks/visit.php?cid=45&lid=906>>. Acesso em: 22 mar. 2008.

PUNTO DE VISTA. Un nuevo colectivo intelectual. *BazarAmericano.com*, Buenos Aires, 2004. Disponível em: <http://www.bazaramericano.com/revista/nuevocolectivo_renuncias.htm>. Acesso em: 16 ago. 2007.

REVISTA *PUNTO DE VISTA*, Buenos Aires. Números 1-90 (1978-2008).

SARLO, Beatriz. “La hacíamos por nosotros más que por los lectores”. 30 de março de 2004. *Página 12*, Buenos Aires. Entrevista concedida a Silvina Frieria. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/cultura/7-33440-2004-3-30.html>>. Acesso em 22 mar. 2008.

BIBLIOGRAFIA

ALTAMIRANO, Carlos. Introducción general. In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. v. 1. Buenos Aires: Katz Editores, 2008. p. 9-27.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social / Utopia. In: *Enciclopédia Einaudi*. v. 5. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Cuadernos Hispanoamericanos – Idéias políticas numa revista de cultura. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 344-370, 2005.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco; revisão técnica de Cezar Mortari. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: SIRINELLI, Jean-François; RIOUX, Jean-Pierre (dir.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 259-279.

_____. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

TERÁN, Oscar. Ideas e intelectuales en la Argentina, 1880-1980. In: _____ (coord.). *Ideas en el siglo*. Intelectuales y cultura en el siglo XX latinoamericano. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2004. p. 13-95.